



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

O TRABALHO FEMININO: SOFRIMENTO E LIBERDADE¹

Paula Daniela Santos²

Helder Rodrigues Pereira³

RESUMO

Este artigo traz uma discussão sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho. Um mercado destinado, prioritariamente, aos homens, foi-se revelando também um lugar de vivência e emancipação feminina. O lugar simbólico ocupado pela mulher foi se modificando ao longo do tempo. Por isto, apresenta-se uma discussão sobre essa construção cultural. Estar no mercado de trabalho aparece como uma reivindicação feminina. No entanto, como se vê, para as formas capitalistas de desenvolvimento econômico, a obtenção do lucro independe do gênero sexual. A questão aqui apresentada está em torno das condições femininas colocadas pela cultura atual que, ao demandar à mulher que se insira no mundo do trabalho, não lhe retira as demandas domésticas. Essa tensão tem provocado uma discussão na dinâmica do cotidiano das práticas, pois é necessário que tais sejam modificadas no exercício da atividade laborativa, pois à mulher continua sendo exigidas as práticas de cuidado de si e da família, mesmo quando vivenciando o trabalho extra-doméstico. As discussões sobre o tornar-se mulher dão uma base filosófica e social para o que aqui vai apresentado, mas também julgou-se necessário uma aproximação do contexto histórico sobre o desenvolvimento das noções do lugar simbólico da mulher na civilização marcada pelo masculino e suas ordens. Por fim, as discussões psicológicas acerca da psicodinâmica do trabalho dão a devida sustentação para as conclusões – ainda que parciais – aqui apresentadas.

Palavras-chave: Feminino. Trabalho. Psicodinâmica. Sociedade. Cultura.

INTRODUÇÃO

O que motivou a pesquisa que ora apresentamos na área do trabalho feminino, sofrimento e liberdade, foi a possibilidade de estagiar – na condição de graduanda em Psicologia – em uma empresa de grande porte no município de Barbacena. A experiência vivenciada ao presenciar a angústia de uma mãe que não podia dar o apoio necessário à sua família devido às demandas de seu trabalho deixou possibilidades crescentes de construir uma reflexão acerca do lugar ocupado pela mulher no mercado de trabalho. A sensação de impotência diante da

¹ Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia, apresentado sob o formato de artigo científico ao Colegiado do Curso de Psicologia do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos, em Barbacena – MG, em 2023.

² Aluna do Curso de Psicologia do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos, em Barbacena – MG. Matrícula n. 191-00645. Endereço eletrônico: 191-000645@aluno.unipac.br

³ Professor orientador. Curso de Psicologia – UNPAC – Barbacena – MG.

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

situação daquela mãe foi envolvente e, de alguma forma, apresentámo-la à discussão que aqui se inicia.

A escolha de abordar esse tema acabou por conduzir nossos pensamentos sobre as vivências de uma realidade que não deixa muito espaço para o sujeito e, ao mesmo tempo, propaga o trabalho como essencial para a formação do homem e de sua honra. Ora, parece que as mulheres – e também muitos homens – não participam inteiramente de tal destino, haja vista as tensões emocionais e psicológicas às quais são continuamente submetidas. O que a experiência de estágio deixou entrever é que a busca pela segurança financeira muitas vezes entra em conflito com a realidade doméstica.

O processo de escrita do presente trabalho permite explorar mais detidamente as razões desses conflitos, direcionando-as para as concepções psicológicas e para as discussões filosóficas e históricas. Acreditamos ser necessário examinar as consequências psicológicas e emocionais da angústia vivenciada pelas mulheres em uma cultura de trabalho marcadamente machista. Esta pesquisa concentra suas discussões na compreensão possível de como as mulheres compreenderiam a tensão entre a conquista de uma certa segurança financeira diante das grandes demandas por afeto provenientes da casa e de sua organização. Uma das respostas possíveis parece ser a criação de ambientes de trabalho mais flexíveis e, portanto, menos rígidos com elas que se empenham em garantir o lucro e o afeto.

Compreendemos o quanto parece imiscíveis esses dois vocábulos: o lucro e o afeto. Sabemos que eles não trilham os mesmos percursos. No universo do trabalho, é o lucro quem designa as ações esperadas, relegando o afeto ao lugar de servo, menos valia. No entanto, algumas empresas compreendem a importância a ser dada aos aspectos afetivos de seus trabalhadores e passaram a criar estratégias para demonstrar esse olhar humanizado para o cotidiano do trabalho. Mais uma competência do capitalismo, que constata a improdutividade de um trabalhador apreensivo? É provável que sim. De qualquer forma, é preciso levar em conta a realidade do mundo psíquico – principalmente das mulheres – que buscam demonstrar a possibilidade das transformações sociais.

Importante sublinhar também a metodologia que este artigo utiliza: para melhor alcançar os objetivos inicialmente propostos, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa exploratória e descritiva. Esse percurso nos pareceu adequado para discutirmos o mal-estar na

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

feminilidade experimentado no campo do trabalho quando a mulher se vê diante de demandas inconciliáveis – casa e trabalho. Parece que houve uma concessão para sua inserção em um universo marcadamente masculino, mas que não lhe retirou as funções domésticas mas, ao contrário, sublevoou-as a um patamar de extremo desafio. Desta forma, além da experiência de um estágio na área da Psicologia das Organizações, o presente artigo dialoga com importantes autores da Psicologia do Trabalho e do lugar da mulher no mundo contemporâneo. Portanto, podemos considerar também que se trata de um trabalho de revisão bibliográfica que dialoga com as experiências de estágio curricular.

“Não se nasce mulher: torna-se mulher!” – haveremos de ouvir essas palavras de Simone de Beauvoir na construção do presente texto. Nada está pronto antes de passar pela vida humana. O que temos presenciado é a ignorância de alguns com relação às necessidades de muitos. Cabe-nos a tarefa de demonstrar o quanto a mulher se forma na vida, na família e no trabalho, fazendo emergir novas realidades sobre os escombros que reduziram seus afetos a peças descartáveis das indústrias. Em breve paráfrase a Adélia Prado, ousamos repetir: “Vai ser coxo [*gauche*] na vida é maldição para homem. Mulher é desdobrável. Eu sou.” (Adélia Prado. Com licença poética).

1 IMPLICAÇÕES EMOCIONAIS E PSICOLÓGICAS DO TRABALHO FEMININO

Considerando o presente percurso, que leva em conta a compreensão sobre o trabalho, o feminino e a teoria psicanalítica, as considerações de Dejours (1987) nos parecem importantes, haja vista a importância de suas contribuições nas relações entre a subjetividade e o trabalho que estimulam uma certa psicodinâmica. Desse autor temos a informação de que são vários os trabalhos publicados nesse campo, principalmente por desenvolver uma proposta emancipatória sobre o trabalho, a sexualidade e seu sentido de realização e desgraça humana, o que é pautado em uma literatura que tem por base as ciências sociais, a psicanálise e o conhecimento prático das experiências alcançadas na clínica.

Segundo o autor, para compreendermos o sentido de trabalho, é necessário compreender que o corpo também produz conhecimento para realizar atividades produtivas.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Sendo assim, Dejours (1987) separa as inteligências que se aplicam ao trabalho, como a inteligência do corpo, que se fundamenta no interior do ser humano ligada à sua sexualidade. Essa inteligência não está presente somente na fase adulta, mas manifesta-se desde o período infantil e é amparada pela inteligência reflexiva, que enfrenta desafios reais para dispor o diálogo e os desafios quando adultos que, por sua vez, assimilam e projetam comportamentos e hábitos. Sendo a inteligência do corpo constituída por mecanismos que movem a sexualidade com as fases da vida, gerando conhecimentos que serão desempenhados no dia a dia pelo trabalho real, mobilizando a afetividade do sujeito, com sonhos, que são importantes na explicação dos problemas e na busca por soluções.

Nesta construção do trabalho como subjetividade, o autor segue a trajetória de Freud (1930-36/2010), onde o trabalho pode desencadear forças construtivas ou destrutivas, que portam sofrimentos ou prazer, recalque ou realização, cooperando inclusive para o desenvolvimento da escravidão e fazendo parte do ser humano.

Todavia, não haveremos de nos dedicar, aqui, a estudo sobre as relações do sujeito com o trabalho de uma forma generalizante. Antes: nossa proposta é a abertura para a compreensão do trabalho no âmbito feminino, pois aí já teríamos uma dupla problematização, o que quer dizer que sendo já complexas as relações do homem com o trabalho, quando se trata da mulher, parece que as propostas podem se apresentar eivadas de mais complexidades, pois estarem lidando com dois temas que demandam compreensão, estudo e, quiçá, transformação social.

Quando procuramos conceituar o feminino, percebemos que, como tantos outros conceitos, possui uma construção histórica. As maneiras pelas quais a mulher lida com o corpo e a sociedade são construídas nas relações sociais (Beauvoir, 1960-64/2009). Com o passar do tempo, as mulheres vêm recuperando sua história, que se fez no espaço doméstico – sob o domínio do homem –, mas que foi capaz de alargar esses limites, colocando-se no espaço público. Se, por convenções sociais, os papéis de homem e mulher são definidos como aqueles que se vivem e se executam em espaços diversos, a História nos mostra a inconveniência de tais definições. Não sem sentido o seu protagonismo se mostrou em várias vias, demonstrando a eficácia de seu desejo de liberdade não só no espaço doméstico, mas no público também. A maioria da sociedade tem institucionalizado o papel do homem como diferente do papel da

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

mulher. Enquanto a ele são definidos os pressupostos da atividade, a ela sempre coube o papel passivo (Beauvoir, 1960-64/2009).

No contexto da teoria psicanalítica, podemos compreender as relações neuróticas estabelecidas pelo sujeito em seu complexo trilhar no mundo de uma forma geral e na sociedade de uma forma particular. Nesse trilhar, as respostas neuróticas se mostram sempre como poder concedido ao Outro, que pode se tornar aquele detentor da verdade e, por isto mesmo, possui o caráter constitutivo do sujeito. No entanto, é nessa mesma constituição que o sujeito é interpelado ao parricídio. O ato de matar o pai não ocorre sem que lhe reste uma culpa que, do ponto de vista da cultura, é vivenciada sob os mais diversos nuances. Ao estudar as diversas históricas, por exemplo, Freud não deixou de fazer o devido apelo ao caráter fantasioso das relações com o Outro. Se a culpa com relação a um desejo violento seria impossível suportar, a fantasia aparece como um mecanismo defensivo capaz de recolocar o sujeito em um outro lugar: culpado e, portanto, submisso.

Esta é uma das construções possíveis para se chegar a uma pequena explicação da condição passiva esperada para as mulheres, alijando-as definitivamente de uma participação ativa na sociedade. As construções míticas também procuram dar conta disso: foi pela ação de Eva que o Mal entrou no mundo; foi Pandora, com sua caixa duvidosa, a responsável por espalhar no meio dos homens toda a sorte das misérias. Convivendo com um imaginário de tal forma construído, coube à mulher desvencilhar-se dos discursos que lhe queriam prisioneira, ainda que emitindo uma resposta histórica, capaz de confundir os saberes que se já definiam acerca de seu comportamento desviante do esperado pelo universo falocêntrico. Afinal, a designação de histórica passou a significar a *hýbris* – a desmedida.

No tocante ao mundo das relações de trabalho, compreendemos o quanto os pressupostos tayloristas – com o propósito de racionalizar o processo produtivo – foi retirando do sujeito qualquer possibilidade interacionista entre si e o objeto produzido. O desenvolvimento industrial e sua defesa na concepção e execução do trabalho trouxeram adoecimentos à saúde física e mental dos trabalhadores, impondo-lhes extensas jornadas de trabalho, aceleração no ritmo da produção, cansaço físico, automação e, por fim, desumanização.

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

Segundo Dejours (1987), em críticas ao modelo taylorista, o trabalho exerce no homem uma ação específica que impacta diretamente em seu psiquismo, onde há um choque entre o indivíduo, seus sonhos, esperanças, projetos, desejos e uma organização trabalhista que o ignora. Temos, então, de um lado, o indivíduo com suas necessidades, com uma história de vida pessoal e sua busca por prazer e, do outro, uma instituição automatizada que retira do trabalhador aquilo que, segundo Marx, o diferencia dos outros animais, já que é capaz de projetar em sua mente a ação que deverá fazer no mundo, modificando-o de acordo com suas expectativas.

Dejours (*apud* Betiol, 1994) afirma, tendo por base as concepções freudianas, que o prazer do trabalhador é a descarga de energia psíquica que a tarefa autoriza. Porém, o sofrimento vem caracterizado por sensações desagradáveis, advindas da não satisfação das necessidades. E, por serem de origem inconscientes, estão atreladas aos desejos profundos que são revelados nos projetos e expectativas de vida.

Freud (1930-36/2010) considera o sofrimento como uma ameaça ao sujeito em três formas: no corpo, no mundo externo e nos relacionamentos com seus pares. Compreendemos, então, que o sofrimento não acontece de fora para dentro, mas na sua relação pulsional que o coloca em uma representação penosa. Ou seja, o trabalho, que é parte do mundo externo, representa uma fonte de prazer ou de sofrimento quando não satisfaz os desejos inconscientes.

Dejours (1987), ao definir o sofrimento na individualidade, chama nossa atenção para a representação. A esse pensamento ele chama de “teatro do trabalho”, onde a construção social e psíquica de cada pessoa vai repercutir no ambiente de trabalho em que o patrão, o empregado, o supervisor são os atores e o enredo são os preconceitos, valores, poder; o cenário, por sua vez, é o ambiente de trabalho, o desemprego, as incertezas e a instabilidade; os espectadores são as famílias, os amigos, os adversários que o vão aplaudir ou não. A busca pela aprovação é uma certeza na vida das pessoas e sua ausência pode acarretar em sofrimento psíquico.

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

O autor chama atenção ainda quando esses atores são mulheres que provêm de uma sociedade patriarcal, o que tornaria o seu sofrimento ainda maior nesse *teatro*, haja vista que tem as mesmas cobranças, menores salários, dupla jornada, assédio sexual, além de serem estigmatizadas pela suposta fragilidade e inferioridade intelectual. A busca pela normalidade chega a ser impossível em um ambiente tão plural e conflituoso como o do trabalho; muitas são as necessidades das representações. É aqui que Dejours (1987) trabalha com a ideia de uma inteligência operatória, presente na percepção, na intuição, mas principalmente na capacidade de romper com as regras.

Ao falar do processo de subjetividade, o trabalhador usa sua personalidade e inteligência em contraposição à racionalidade gerada, apoiando-se na relação contribuição-retribuição. Compreendendo a retribuição como espontânea, sendo seu retorno experimentado, de forma simbólica, no reconhecimento, na construção da identidade social e de realização de si mesmo, ampliado pelo objetivo social e subjetivo, resultando em uma negociação.

A psicodinâmica do trabalho se aplica em qualquer situação, porém, não elimina a psicopatologia que o trabalho exerce. Por isso, as estratégias de defesa são um mecanismo que o trabalhador busca para modificar, transformar e minimizar a percepção do que o faz sofrer.

Como podemos perceber, o mundo do trabalho é um universo inesgotável e dialético, vem abrindo margem para muitas análises e contribuições nas relações que se estabelecem entre o indivíduo e o meio. Compreender as relações individuais internas que vão desaguar no exterior é um desafio que necessita de análise e reflexão para que sejam percebidas, segundo Dejours (1987), em sua totalidade.

Nesta proposta, busca-se refletir o papel do feminino dentro deste complexo emaranhado de relações para delinear as contribuições femininas neste ambiente. Partindo de uma experiência de estágio em uma empresa no Setor de Recursos Humanos, foi possível ver as representações teatrais refletidas por Dejours (1987), e como vamos construindo as relações partindo do nosso eu para o ambiente

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

externo. Como se constroem as relações de vivências em empresas que se pautam no lucro, enxergando o ser humano como um ser descartável e objeto para contar como produção.

As empresas não conseguem visualizar o ser humano e suas necessidades, sonhos e perspectivas que trazem consigo como algo indissociável e necessário para o prazer e para enfrentar o sofrimento. As necessidades externas, muitas vezes, falam mais alto que as necessidades internas, como a fome e o sustento familiar, o que acaba por corroborar para a precarização das relações trabalhistas, gerando adoecimento físico e mental. Manter o equilíbrio entre o que se precisa e que se tem é uma manobra que exige muito de cada um de nós e manter a mente forte diante dessas situações se torna, muitas vezes, um sofrimento intenso.

Vivemos em uma sociedade patriarcal onde o homem ainda é compreendido como o provedor, a força, o poder. A mulher, como a submissa, que a tudo acata e, se quiser ter direitos, deve ser cobrada como uma igual, não se imiscuindo do exercício da função para a qual nascera: gerar filhos para a sociedade, cuidar de sua educação e da casa; funções acrescidas da necessidade de ajudar no sustento da família.

Na empresa onde estagiamos, a dor de muitas mulheres impactam diretamente na dinâmica da empresa, que não acompanha sua realidade e, muitas vezes, deixa-as sob o duro impasse de escolher entre cuidar da saúde do filho ou garantir a produção estabelecida para garantir o sustento esperado.

Na lógica capitalista de buscar o lucro, as empresas abusam de sua autoridade, agregando vantagens e instigando o prazer em gerar expectativa de poder cuidar da família com dignidade em troca de um serviço desumano, que promove o adoecimento, com realizações de ações repetitivas nas produções, benefícios em troca de servidão.

2 AS LUTAS E DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

Dentro do contexto histórico, segundo a historiadora Mary Del Priore (1997), há desdobramentos da vivência feminina no cotidiano social. Suas lutas e desafios encontrado no mundo do trabalho⁴ é um deles. Em suas pesquisas, ela nos mostra que as mulheres enfrentaram barreiras significativas em busca por igualdade e reconhecimento no âmbito profissional, enfrentando não apenas a resistência das estruturas patriarcais, mas também a luta para equilibrar as demandas familiares com as oportunidades de carreira.

Reforça ainda que, ao longo dos séculos, as mulheres tiveram que superar a marginalização sistemática e a subestimação de suas capacidades intelectuais e profissionais. Na obra *História da Mulheres no Brasil*, Del Priore (1997) destaca como nas sociedades tradicionais o papel da mulher frequentemente se limitava à esfera doméstica, relegando-a a uma posição de dependência financeira do homem – diligente e provedor.

Um dos desafios cruciais identificados pela historiadora é o acesso limitado à educação e ao conhecimento formal. Isso impedia que as mulheres buscassem carreiras que exigissem treinamento ou qualificações específicas. Somente ao longo do tempo, e com a devida persistência nas suas reivindicações por igualdade, o acesso à educação e às oportunidades profissionais começou a se expandir.

Outro ponto destacado pela autora destaca o dilema de mulheres no mercado de trabalho contemporâneo: a busca por independência financeira e o desejo de realização profissional muitas vezes entram em conflito com as expectativas tradicionais de que as mulheres são as principais cuidadoras da família. A complexidade desse equilíbrio é refletida em como as mulheres lutam para desafiar as normas sociais e se afirmam como profissionais competentes.

⁴ Esta expressão foi cunhada por Ilmar Rohloff de Mattos que, em sua obra *O tempo saquarema*, faz uma discussão de três lugares simbólicos na sociedade brasileira: o mundo da casa, o mundo da rua e o mundo do trabalho. Dentro desse simbolismo, os lugares sociais designam personagens e comportamentos aceitáveis para o desempenho de cada um, corroborando um ideal social calcado, sem dúvida, nas antigas práticas senhoriais.

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

As lutas das mulheres no interior do mundo do trabalho não são meros fatos históricos isolados que, a seu modo, destacam-nas do cotidiano e as conferem um título honorífico qualquer. Na realidade, no calor dos dias de trabalho nas mais diversas funções é que as mulheres foram (e vão) inserindo suas expectativas de ressignificações de seu lugar social. Del Priore (1997) ainda destaca que a narrativa das mulheres no mundo do trabalho é uma narrativa de progresso, de resiliência, determinação contínua em direção a um futuro mais igualitário, onde as desigualdades de gênero sejam superadas.

Uma outra obra desta mesma autora merece, aqui, algum comentário. Trata-se de *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia* (1993). Nesta obra, a autora mostra uma perspectiva da vida das mulheres no Brasil durante o período colonial, trazendo à tona a sexualidade, a maternidade e as mentalidades da época. Apresenta como as mulheres foram afetadas pelas normas sociais e pelas estruturas patriarcais, sendo vistas como subordinadas aos homens e confinadas a papéis específicos na sociedade. Nesse contexto, a maternidade era explorada e entendida como responsabilidade exclusivamente da mulher, tanto no cuidado como na educação dos filhos. Foi um período contraditório, pois revela um grande índice de mortalidade de fetos e, ao mesmo tempo, um tabu com relação a métodos contraceptivos, controlados por normas culturais e religiosas, que buscavam valorizar um ideal feminino sob a perspectiva do macho e do senhor.

A autora nos ajuda a refletir sobre a história das mulheres no período colonial, explorando suas complexas experiências, desde a maternidade até a vida doméstica e as dinâmicas sociais da época. Destaca não somente as limitações e restrições que as mulheres enfrentavam, mas também suas formas de resistência e seus jogos de adaptação em um ambiente marcadamente patriarcal. Del Priore (1993) afirma que, não obstante as barreiras impostas, as mulheres encontraram formas de exercer sua influência na sociedade, ainda que de forma camuflada, mas constante.

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

Sexualidade, maternidade e comportamento são temas mantidos sob o controle das normas culturais, religiosas e morais. As discussões apresentadas pela autora nos permitem entender as origens de muitos dos desafios que as mulheres enfrentam até hoje, ao mesmo tempo em que registramos o progresso e as mudanças que ocorreram ao longo da história.

Como historiadora – que faz dialogar o passado e o presente em vistas à construção do futuro – Del Priore (1993) contribui para a compreensão das mulheres em luta na sociedade brasileira. Posicionamentos que não se limitam ao período colonial, mas que projeta suas discussões nas questões sociais de gênero no Brasil, propondo-nos compreender para modificar os papéis definidos para homens e mulheres no decurso da História. À medida que discutimos sobre as lutas das mulheres no Brasil, somos lembrados de que as vozes das mulheres, suas histórias e suas contribuições são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Em termos historiográficos entendemos que a História pode ser compreendida sob a metáfora de um bosque. Ao ser observado sob um olhar externo, o bosque se revela dinâmico pois, à medida que os dias se sucedem, as estações mudam e o bosque se transforma: folham caem, outras nascem, crescem frutos e produzem sementes. Há um intenso ir e vir de vida (pássaros, mamíferos e insetos). Todavia, ao ser olhado sob uma perspectiva mais próxima, o bosque se revela praticamente imutável. Mudaram as folhas e as conformações externas, mas os troncos e as raízes permanecem os mesmos, demonstrando que a estrutura que faz o bosque ser um bosque, não se altera. Tal é a História. Com o passar dos tempos, existe a ilusão de mudanças, mas o contexto estrutural que sustenta a sociedade das pessoas permanece o mesmo. Portanto, se houver algum desejo de modificações sociais, eles devem estar atento às estruturas que sustentam essa mesma sociedade. É por isto que fizemos uma brevíssima excursão pelo período colonial a fim de identificarmos aspectos das estruturas patriarcais e escravocratas influenciando o seio de nossa sociedade dita democrática.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

2.1 LUTAS FEMININAS POR EMANCIPAÇÃO

Para refletirmos sobre essa questão buscamos o auxílio de Simone de Beauvoir, que traz uma discussão sobre liberdade e emancipação das mulheres ao longo do tempo. O segundo sexo (1960-64/2009) é uma obra filosófica, na qual ela busca compreender as formas como as mulheres foram histórica e socialmente subjugadas, apontando para uma possível emancipação.

No contexto existencialista de Jean-Paul Sartre, Beauvoir (1960-64/2009) afirma: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Isso identifica a sexualidade como uma construção não independente das ações dos sujeitos, tendo em vista que não se trata de uma sexualidade inata, mas continuamente moldada pelas expectativas das tradições. Argumenta que as mulheres são socialmente constituídas e definidas por meio de estereótipos de gênero, o que as limitaria e restringiria, não fosse sua capacidade humana de ser-no-mundo, sujeito em constante construção. Logo, a busca por liberdade e emancipação das mulheres implica em compreender sua condição humana passível de uma autenticidade inalienável pois, de acordo com o existencialismo, cada um tem por função escrever o seu próprio projeto de vida, ou seja, cada um tem por função projetar-se na vida, ainda que o outro possa interferir negativamente nessa construção. Cabe, pois, à mulher, a busca por uma identidade autêntica e livre de imposições externas.

Segundo a autora, a situação de opressão das mulheres relegou-as a um papel secundário. É desse estar-no-mundo que as mulheres devem construir seu ser-no-mundo. É desse lugar secundário historicamente imposto a elas que devem ressignificar os símbolos de dominação, apontando suas falhas e marcas estruturais e ideológicas, a fim de que a liberdade construída não seja ridicularizada por discursos que tendem a ser infames quando se percebem acuados diante de uma outra fala. Por isso, destaca que é importante às mulheres terem consciência dessa opressão e se engajarem em um processo de liberação, que envolve a exclusão das expectativas sociais e a busca por uma identidade autônoma.

É importante uma reflexão sobre a liberdade individual das mulheres, na qual a emancipação não está somente na tomada de decisões independentes em

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

igualdade de direitos, mas também na capacidade de as mulheres exercerem sua liberdade individual, tomando decisões independentes sobre suas vidas e corpos. Beauvoir (1960-64/2009) argumenta que as mulheres devem ser vistas como sujeitos independentes, e não como objetos passivos.

No contexto da sociedade brasileira, onde as mulheres ainda enfrentam desafios significativos relacionados à desigualdade de gênero, à violência e à limitação de suas liberdades, as ideias dessa filósofa reforçam que a luta pela emancipação feminina não é apenas uma busca por direitos legais, mas também uma revolução cultural e psicológica.

As mulheres brasileiras demonstram uma história de luta por igualdade e justiça, desafiando normas sociais restritivas e trabalhando para conquistar espaço e autonomia em todos os aspectos da vida. Elas reivindicam o direito de tomar decisões sobre seus próprios corpos, carreiras e destinos. A emancipação das mulheres é uma jornada contínua e, portanto, a luta pela igualdade de gênero deve continuar até que todas as mulheres, independentemente de sua origem ou convivência, desfrutem plenamente de sua liberdade e autonomia.

Percebemos que ainda necessitamos continuar a desafiar as normas de gênero e lutar contra a opressão, a fim de que seja possível construir uma sociedade onde todas as mulheres possam realizar seus potenciais e contribuir plenamente para o progresso de todos.

3 LUTA E EMANCIPAÇÃO FEMININA

A emancipação feminina é uma construção. Assim como o feminino deve ser construído, a conquista da liberdade faz parte de um percurso que se faz desde os momentos em que a menina vai se colocando na cultura e percebendo as diferenças marcadas entre os sexos. Essas diferenças levaram, muitas vezes, a mulher a ocupar um lugar desvalorizado em se considerando os símbolos de inferiorização a ela associados.

A leitura de Beauvoir (1960-64/2009) nos fez compreender que a mulher não nasce mulher; sua feminilidade é um projeto a ser desenvolvido a cada dia, não

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

obstante as dificuldades que o querem fazer parecer frágil demais para ser desenvolvido. O feminino não é inato, mas aparece sempre moldado às normas e às expectativas sociais. As mulheres são, pois, social e culturalmente constituídas e definidas por meio de estereótipos de gêneros que, se concede ao masculino plena liberdade e iniciativa, relega à mulher as atitudes contidas, limitadas e dóceis.

Buscar pela liberdade nesse contexto implica em uma busca por uma identidade autêntica, livre de estereótipos e de imposições externas. De acordo com Beauvoir (1960-64/2009), a sociedade patriarcal relegou a mulheres a um papel secundário na sociedade e na política. Então, é muito importante que haja, antes de tudo, a consciência de tal condição para que possam se colocar de forma autônoma diante dos desafios da conquista da liberdade.

Se pensarmos na liberdade individual, é possível ter consciência de um processo igualmente desafiador. Trata-se de colocar a mulher afastada das decisões masculinas, respondendo por si mesma, pelas próprias ações vinculadas aos seus pensamentos e, sobretudo, respondendo pelo seu próprio corpo. As mulheres partilham entre si uma luta pela conquista de decisões independentes e por uma identidade autônoma.

A construção de uma sociedade que partilha da concepção da igualdade de gêneros tem um percurso histórico mas, aqui, podemos destacar duas de suas características essenciais: a maternidade e o trabalho. Responder pela formação dos filhos, colocando-se como cuidadora abnegada parecia algo incompatível com o mundo do trabalho. As justificativas se multiplicaram, mas a principal delas é a noção de que o trabalho estava reservado ao homem e sua força, empregando-lhe praticamente todo o tempo que tinha disponível durante o dia. À mulher, cabendo o cuidado doméstico, não poderia dedicar-se a um universo dinâmico e competitivo sem prejuízo do cuidado e da educação dos pequenos.

Ocorreu, no entanto, um grande desenvolvimento do capitalismo, com seu privilégio pela vida urbana – intensa e consumista. Nesse projeto, o mundo do trabalho deixou de ser reservado apenas aos homens. De fato, no mundo do capital, todos trabalham. Por isto, por vezes somos levados a um questionamento:

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

a luta por inserir-se no mundo do trabalho é uma prerrogativa das mulheres ou do capital? Não estariam elas fazendo ecoar nos seus discursos exatamente as grandes expectativas do mercado de produção constante? Ao engrossarem as fileiras de seus gritos por liberdade, não estariam elas cumprindo exatamente a grande profecia do capitalismo que quer, a todo custo, empregar na produção quantos forem os braços disponíveis, independente do gênero de cada um?

São questões que, no entanto, não devem nublar nossos direcionamentos pois, ainda que fosse assim, a História mostra que as mulheres não seriam reconhecidas como capazes de produzir a riqueza das nações se não fossem constituídas por si mesmas de maneira autônoma. Importante ressaltar que, via de regra, os sistemas de produção querem que todos se comportem como autômatos e, nesse contexto, a conquista da autonomia foi (e tem sido) um novo grande empreendimento.

No contexto da sociedade brasileira, onde as mulheres ainda enfrentam desafios relacionado à desigualdade de gênero, à violência e à limitação de suas liberdades, as ideias de Beauvoir (1960-64/2009) reforçam que buscar a emancipação requer uma revolução cultural e psicológica. Desafiando normas restritivas e trabalhando continuamente para alcançarem espaço social e autonomia, elas reivindicam também o direito de tomar decisões que envolvam os próprios corpos, suas carreiras e seus destinos.

Ao questionar: o que quer uma mulher?, André (1987) explora questões complexas relacionadas ao desejo e ao relacionamento, explorando as expectativas que envolvem os relacionamentos amorosos e a busca pelo entendimento mútuo.

No âmbito das relações heterossexuais, André (1987) aborda temas como o desejo, a intimidade, a comunicação e as expectativas, além de marcar as diferenças de perspectivas entre homens e mulheres, destacando como essas variam de acordo com o gênero.

Seria possível um mundo onde homens e mulheres se entendam uns aos outros, dadas as diferentes experiências de vida, socialização e expectativas

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

sociais? Ao explorar as complexidades do desejo sexual e relacioná-lo às expectativas sociais e culturais, André (1987) problematiza a sexualidade humana, levando em consideração essas complexidades que, de acordo com suas condições específicas, relacionam-se também na esfera do trabalho, fazendo dialogar inserção social e gênero sexual. De acordo com André (1987), nossa sociedade contemporânea está implicada nas mudanças sociais e evolui à medida em que as expectativas em relação aos papéis se transformam – o que reflete, necessariamente, no ambiente de trabalho. No entanto, há desigualdades, principalmente quando as mulheres se veem diante da escolha (necessidade) de trabalhar e, não obstante, não pode se afastar das obrigações domésticas, no cuidado com a casa e com os filhos, o que, de certa forma, é poupado aos homens trabalhadores. Essas desigualdades, obviamente, refletem traços de estruturas sociais mais amplas. As dinâmicas de gênero no trabalho, assim como no contexto social, nos lembram que a sociedade precisa estar em evolução, ainda que saibamos que, muitas vezes, a evolução não ocorre sem revoluções. Portanto, conquistas são resultados de lutas que visam não apenas ao bem estar do gênero feminino no ambiente de trabalho, mas também às propostas de uma sociedade inclusiva, mas que não opere uma inclusão perversa, inserindo apenas um aspecto da mulher (a trabalhadora), negligenciando seus outros lugares sociais (a mulher e a mãe).

Essa inclusão remete a sociedade também a refletir sobre o lugar do masculino, que julga estar bem colocado na sociedade unicamente por cumprir os velhos papéis patriarcais, negando os outros (de esposo e de pai). Portanto, os desafios levantados pelas mulheres colocam em questão os desempenhos masculinos que, neste contexto, se mostram como insuficientes em se levando em conta os complexos fins das relações humanas: ninguém há que se justificar unicamente por corresponder às expectativas do mercado de consumo, mas é preciso reinventar-se para além do mercado e das demandas institucionais onde estão ambos inseridos. Quando as mulheres elevam suas vozes, elas elevam também as dos homens, ecoando, junto à voz de Simone de Beauvoir (1960-

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

64/2009), presente está a voz do Existencialismo em suas bases iniciais: não se nasce homem: ser homem é tornar-se continuamente, na responsabilização por um projeto inalienável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho feminino, suas angústias e a busca por liberdade são o foco desta pesquisa, impulsionada pela experiência de estágio em uma grande empresa em Barbacena. A pesquisa destaca o sofrimento (muitas vezes invisível) das mulheres trabalhadoras, na tentativa cotidiano de equilibrar demandas profissionais e o desejo de cuidar da família. O objetivo é dar voz às mulheres que enfrentam esse dilema e buscar evidenciar a importância de ambientes de trabalho mais flexíveis.

Alguns pensadores nos ajudaram a alicerçar criticamente essa empreitada, dentre os quais destacamos: a) Christophe Dejours, que apresenta uma perspectiva psicodinâmica do trabalho feminino, explorando as implicações emocionais inerentes ao universo humano que, por sua própria característica, não pode deixar de ser aqui consideradas. Destaca o autor a interseção entre o desejo de liberdade financeira e o compromisso familiar, examinando as consequências psicológicas, pressões sociais e a importância de ambientes de trabalho mais igualitários e inclusivos. b) Mary Del Priore, historiadora, destaca os desafios históricos enfrentados pelas mulheres no mercado de trabalho, incluindo restrições educacionais e a busca por equilíbrio entre carreira e família. A narrativa histórica das mulheres é apresentada como uma jornada de resiliência, determinação e progresso que, como visto, nem sempre resultou em condições mais favoráveis de vida para elas. A História insiste em mostrar a versão dos vencedores nas lutas sociais. No entanto, historiadores que pautam suas pesquisas nas perspectivas culturais e sociais, mostram que o indivíduo comum, que vive e luta o dia a dia, também faz História. Ao mostrar um lado menos imponente, a historiadora demonstrou os sujeitos das cidades, das empresas, das famílias que, a seu modo, influenciam no desenvolvimento das perspectivas do trabalho, ressignificando-o.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

c) Simone de Beauvoir contribui com a discussão sobre a liberdade e emancipação feminina, desafiando os estereótipos de gênero e enfatizando a importância de autonomia. Isto ela faz com a aptidão de uma filósofa que viveu momentos de grandes exaltações e mudanças sociais, marcadas por expectativas de transformações, onde a Filosofia se fez presente como instrumental crítico e transformador das existências. d) Serge André destaca as mudanças nas dinâmicas de gênero no trabalho, reconhecendo avanços, mas também ressaltando desigualdades persistentes.

Ao final, podemos considerar que a inclusão de pessoas no universo do trabalho é também a inclusão de uma mentalidade sensível ao gênero nas empresas, de forma a promover a diversidade e contribuir para a construção de ambientes onde não sejam enfatizadas as competições que visam a conquistar posições e galgar postos. O trabalho deveria promover o homem. Quando, em ambientes de trabalho marcadamente capitalistas, a mulher expõe sua história particular, ela denuncia a impossibilidade do convívio homem-lucro, pois ela vivencia outros aspectos que devem ser igualmente memoráveis: o cuidado de si e o cuidado do outro. Esperamos que este trabalho tenha contribuído para tais reflexões.

WOMEN'S LOBOUR: SUFFERING AND FREEDOM

ABSTRACT

This article discusses the entry of women into the labour market. A market primarily intended for men, it has also turned out to be a place of female experience and emancipation. The symbolic place occupied by women has changed over time. For this reason, a discussion on this cultural construction is presented. Being in the labour market appears to be a female demand. However, as we can see, for capitalist forms of economic development, making a profit is independent of gender. The issue presented here is around the female conditions imposed by today's culture, which, while demanding that women enter the world of work, does not take away their domestic demands. This tension has



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

led to a discussion on the dynamics of everyday practices, as these need to be modified in the exercise of labour activity, because women are still required to take care of themselves and their families, even when they experience extra-domestic work. Discussions on becoming a woman provide a philosophical and social basis for what is presented here, but it was also deemed necessary to look at the historical context of the development of notions of the symbolic place of women in a civilisation marked by masculinity and its orders. Finally, psychological discussions about the psychodynamics of work provide the necessary support for the conclusions - albeit partial - presented here.

Key words: Female. Labour. Psychodynamics. Society. Culture.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo** (1960-64). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BETIOL, S. I. M. (1994). **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo da psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1987.

DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

DEL PRIORE, M. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. Brasília, Rio de Janeiro: EdUnB, José Olímpio, 1993.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos** (1930-36). Obras completas. v. 18. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MATTOS, I. R. **O tempo saquarema**: a formação do Estado Imperial. São Paulo: Hucitec, 1992.